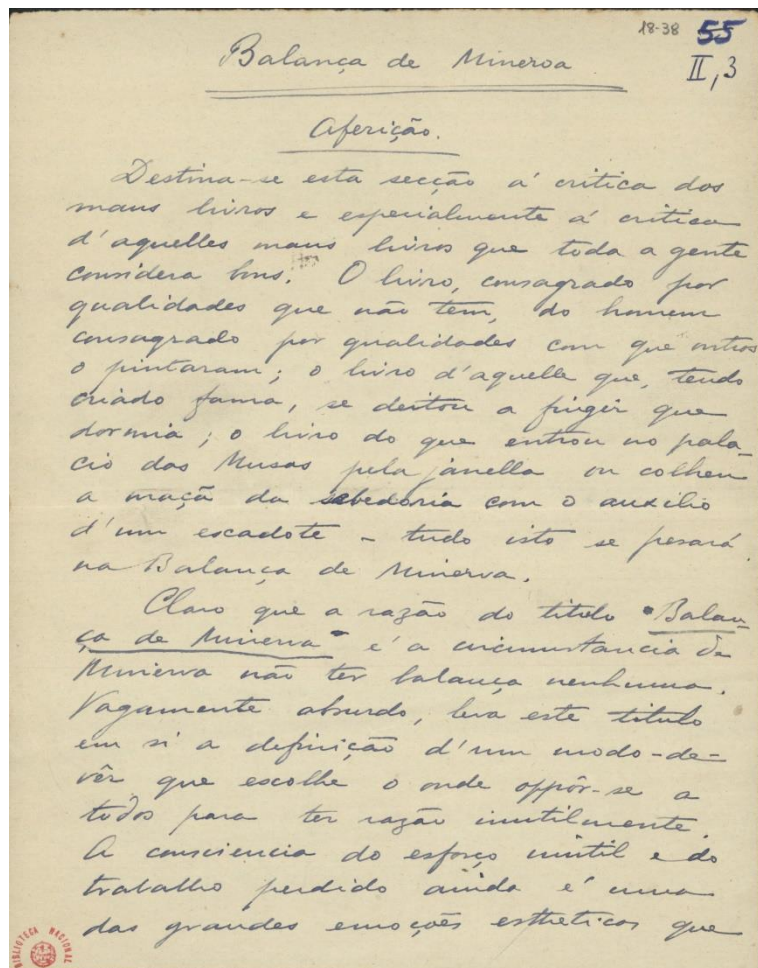


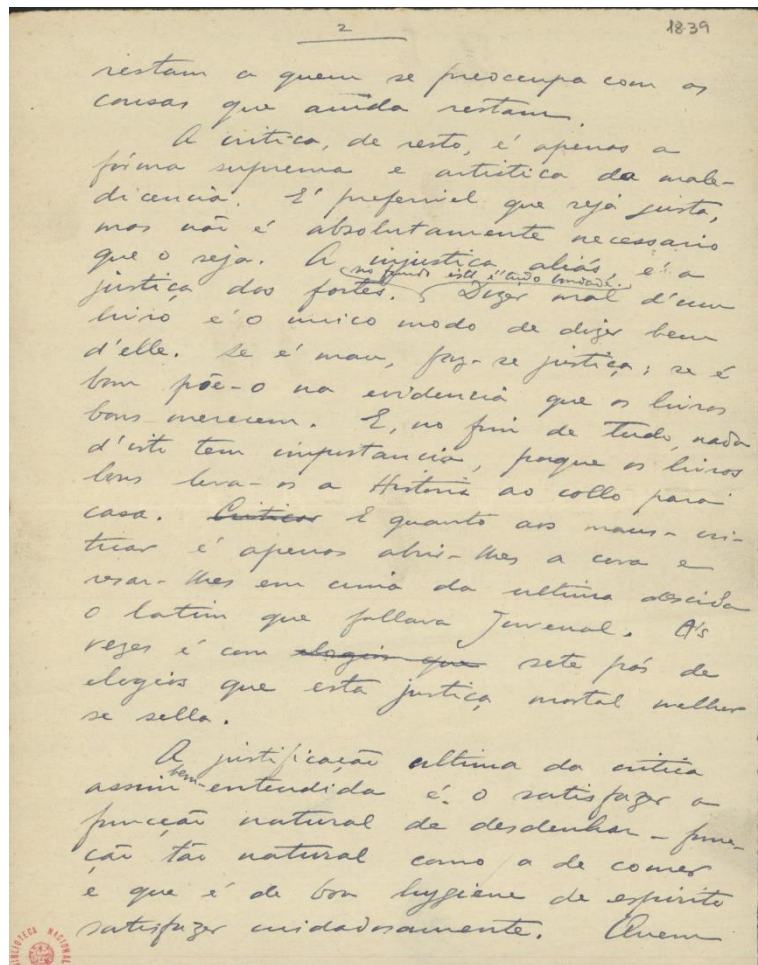


Balança de Minerva.

Aferição.

Destina-se esta secção á critica dos maus livros e especialmente á critica d'aquelles maus livros que toda a gente considera bons. O livro, consagrado por qualidades que não tem, do homem consagrado por qualidades com que outros o pintaram; o livro d'aquelle que, tendo criado fama, se deitou a fingir que dormia; o livro do que entrou no palacio das Musas pela janella ou colheu a maçã da sabedoria com o auxilio d'um escadote - tudo isto se pesará na Balança de Minerva.

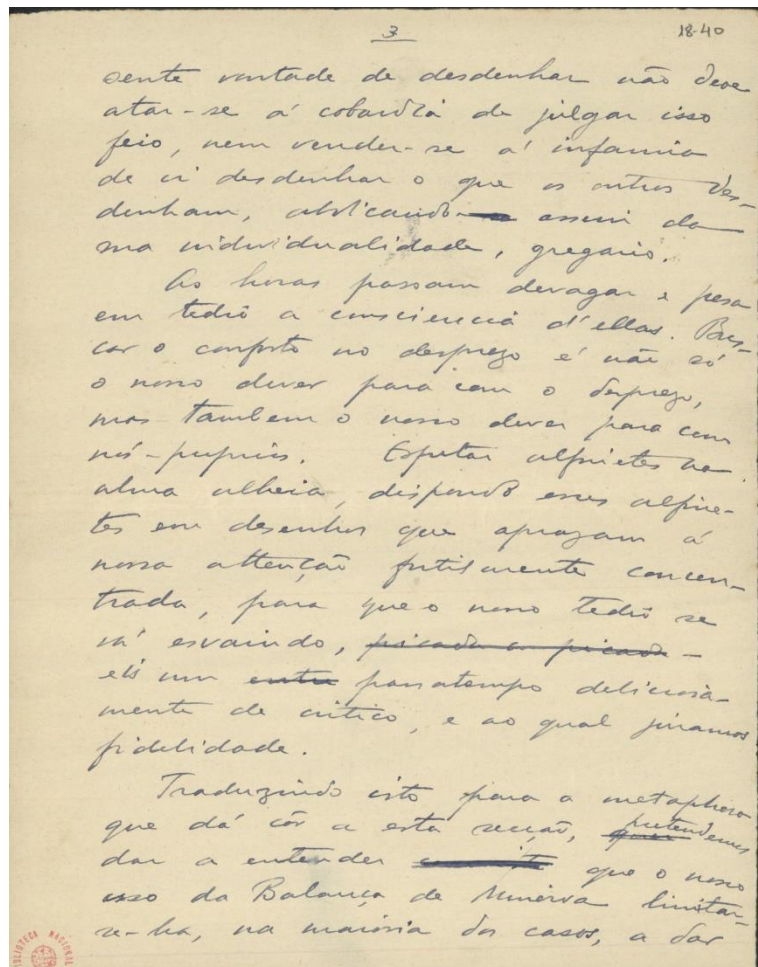
Claro que a razão do titulo "Balança de Minerva" é a circumstancia de Minerva não ter balança nenhuma. Vagamente absurdo, leva este titulo em si a definição d'um modo-de-vêr que escolhe o onde oppôr-se a todos para ter razão inutilmente. A consciencia do esforço inutil e do trabalho perdido ainda é uma das grandes emoções estheticas que



restam a quem se preocupa com as cousas que ainda restam.

A critica, de resto, é apenas a fórmula suprema e artistica da maledicencia. É preferivel que seja justa, mas não é absolutamente necessario que o seja. A injustiça, aliás, é a justiça dos fortes. No fundo isto é tudo bondade. Dizer mal d'um livro é o unico modo de dizer bem d'elle. Se é mau, faz-se justiça; se é bom põe-o na evidencia que os livros bons merecem. E, no fim de tudo, nada d'isto tem importancia, porque os livros bons leva-os a Historia ao collo para casa. ~~Criticar~~ E quanto aos maus - criticar é apenas abrir-lhes a cova e resar-lhes em cima da ultima descida o latim que fallava Juvenal. Às vezes é com ~~elogios~~ ^{que} sete pós de elogios que esta justiça mortal melhor se sella.

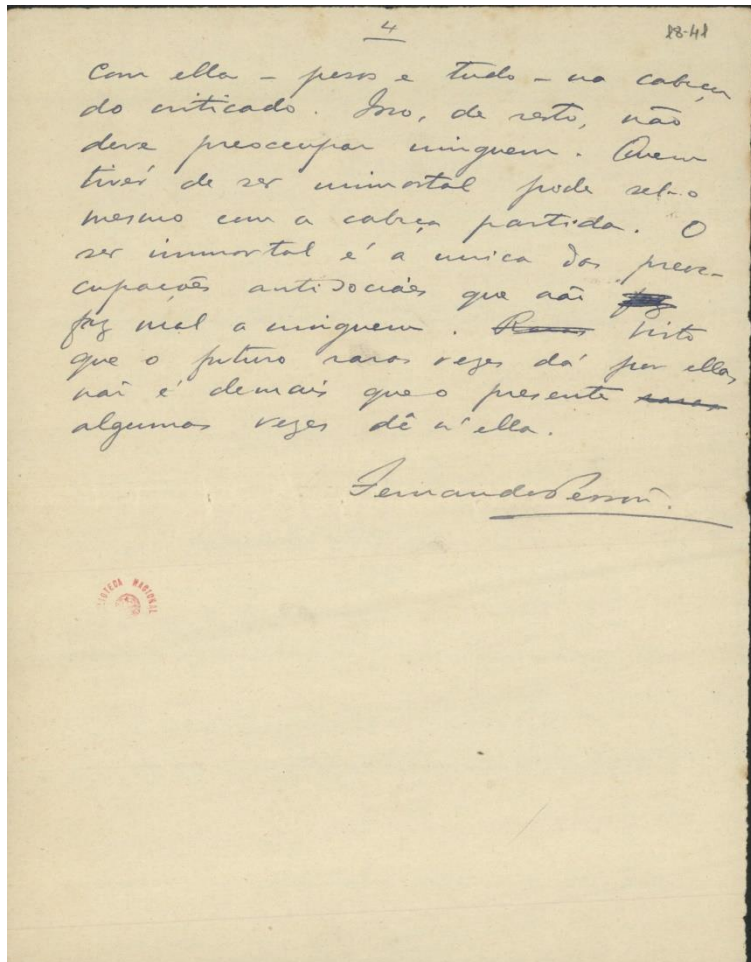
A justificação ultima da critica assim bem-entendida é o satisfazer a função natural de desdenhar - função tão natural como a de comer e que é de boa hygiene de espirito satisfazer cuidadosamente. Quem



sente vontade de desdenhar não deve atar-se á cobardia de julgar isso feio, nem vender-se á infamia de ir desdenhar o que os outros desdenham, abdicando-se assim da sua individualidade, gregário.

As horas passam devagar e pesa em tedio a consciencia d'ellas. Buscar o conforto no desprezo é não só o nosso dever para com o desprezo, mas também o nosso dever para com nós-propios. Espetar alfinetes na alma alheia, dispondo esses alfinetes em desenhos que aprazam á nossa attenção futilmente concentrada, para que o nosso tedio se vá esvaindo, ~~picada a picada~~ - eis um entre passatempo deliciosamente de critico, e ao qual juramos fidelidade.

Traduzindo isto para a metaphora que dá côr a esta secção, ~~quer~~ pretendemos dar a entender que o nosso uso da Balança de Minerva limitar-se-ha, na maioria dos casos, a dar



com ella - pesos e tudo - na cabeça do criticado. Isso, de resto, não deve preoccupar ninguém. Quem tiver de ser immortal pode ser o mesmo com a cabeça partida. O ser immortal é a unica das preoccupações antisociaes que não faz mal a ninguém. ~~Raras~~ Visto que o futuro raras vezes dá por ella, não é demais que o presente ~~raras~~ algumas vezes dê a' ella.

Fernando Pessoa.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).